



**A fé e os afetos:
Diversidade Sexual, Catolicismo e Protestantismo em sites de grupos cristãos
inclusivos¹**

Murilo Silva de ARAÚJO²
Maurício CALEIRO³
Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, MG

Resumo

O presente trabalho traça uma análise comparativa entre o site do grupo *Diversidade Católica* e o da *Igreja da Comunidade Metropolitana*, um católico, e um protestante, que se assemelham por compatibilizar a experiência religiosa com a vivência de sexualidades não heterossexuais. A abordagem parte dos discursos hegemônicos sobre a homossexualidade, produzidos pelas igrejas Católica e protestantes conservadoras, para, através da análise, entender como os sites são utilizados para a construção de contra-discursos, dentro de cada uma das respectivas matrizes religiosas.

Palavras-chave: Cristianismo; grupos inclusivos; homossexualidade; site.

1. Introdução

*“Deus escolheu o que é loucura no mundo, para confundir os sábios;
e Deus escolheu o que é fraqueza no mundo, para confundir o que é forte.
E aquilo que o mundo despreza, acha vil e diz que não tem valor, isso Deus
escolheu para destruir o que o mundo acha importante.”*

Primeira Carta de Paulo aos Coríntios, capítulo 1, versículos 27-28

A relação entre as religiões cristãs e a homossexualidade, historicamente, é uma relação conturbada. Em grande parte, por consequência da leitura “ao pé da letra” de textos bíblicos que condenariam posturas homoafetivas, ou que apontariam a relação heterossexual como “natural”, a maior parte das religiões de matriz cristã sempre condenou a “prática do homossexualismo”.

Atualmente, o aumento da circulação de ideias sobre este e outros temas, potencializada especialmente pelo avanço da internet, deu voz a discursos contrários a estes conservadores. Entre as principais provocações: a perspectiva destas igrejas não seria problemática? Sua leitura teológica/moral/antropológica não seria “ultrapassada”?

¹ Trabalho apresentado no Intercom Júnior – IJ 07 – Comunicação, Espaço e Cidadania, do XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 12 a 14 de maio de 2011.

² Graduando do Curso de Comunicação Social – Jornalismo, da Universidade Federal de Viçosa. E-mail: muriloaraujofv@yahoo.com.br

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Comunicação Social, Jornalismo da Universidade Federal de Viçosa. E-mail: mauricio.caleiro@ufv.br



Deus fez mesmo “o homem para mulher”, e apenas isso? O sexo “verdadeiro”, “sadio” e “natural” é apenas aquele com fins reprodutivos?

Nos últimos anos, vários foram os movimentos que surgiram tentando propor novas leituras destas questões e oferecer aos homossexuais a possibilidade de ter uma vivência religiosa que não os oprima, pautando perspectivas novas sobre a homossexualidade e a religião. Alguns deles se organizam em grupos que continuam seguindo a matriz religiosa a que já se vinculavam, propondo mudanças “de dentro”; outros se desvinculam, constituindo novos grupos e novas igrejas.

Dentre estas iniciativas, estão o grupo *Diversidade Católica* e a *Igreja da Comunidade Metropolitana (ICM)*, o primeiro, católico, agindo sem se desvincular da matriz Romana, e a segunda, protestante, uma nova igreja criada em 1968, nos Estados Unidos, chegada ao Brasil em 2002.

Na tentativa de entender como estes grupos constroem os seus discursos, dentro de cada uma das suas respectivas matrizes religiosas, este trabalho partirá para uma análise comparativa dos sites⁴ dos dois movimentos. Nosso foco encontra-se principalmente na tentativa de encarar como o site se torna um meio de articular estratégias que aliem estes discursos colocados hegemonicamente como tão antagônicos: o da possibilidade de ter uma vivência cristã efetiva, e o da possibilidade de viver a homossexualidade sem o medo da condenação ao inferno.

2. Internet: o espaço de expressão do contra-hegemônico

Já não é novidade dizer que a internet abriu as possibilidades para a divulgação de pensamentos diversos de forma mais ampla e menos intermediada. Trata-se de uma revolução informacional em que o digital promove a criação de um espaço público novo, onde as informações produzidas têm um caráter muito mais múltiplo e democrático do que no contexto da produção de conteúdo dominada pelos *mass media* (SILVEIRA, 2008).

Dessa forma, a internet se configura como um espaço ideal para a manifestação de grupos silenciados pelo discurso hegemônico, tanto pela possibilidade de produção de discursos próprios para a construção de identidades e alcance de visibilidade, quanto

⁴

<<http://www.diversidadecatolica.com.br>> e <<http://www.icmbrasil.com/>>



para a afirmação de discursos contrários a este hegemônico, desconstruindo estereótipos e buscando ocupar espaços.

Sem dúvida, este fenômeno pode ser observado no caso de LGBTs. Graças às potencialidades do mundo virtual, estes cidadãos, organizados ou não, puderam fazer da rede lugar privilegiado de lutas em defesa dos próprios direitos, sempre negados pelos padrões sexuais/afetivos heteronormativos, legitimados pela ciência, pelas igrejas e por grupos conservadores (ALONGE, 2007; FERNANDES, 2007).

Assim, nos parece bastante interessante analisar as estratégias adotadas por estes indivíduos neste novo espaço público, virtual, especialmente quando organizados em grupos como o Diversidade Católica e a ICM. Partiremos em busca de contribuir também com as visões sobre estas novas potencialidades da internet, avaliando os casos específicos destes grupos, com os seus ideários que ainda parecem tão polêmicos.

3. Cristianismo e Diversidade Sexual: conflitos

Tratar da questão homossexualidade relacionada ao cristianismo no Brasil não é um desafio simples. Não podemos negar que o país convive com uma multiplicidade religiosa bastante expressiva, especialmente no que diz respeito à grande variedade de denominações protestantes. Por outro lado, também não podemos negar que, apesar das suas éticas sexuais diferenciadas em alguma medida (SIMÕES NETO et al, 2009), quase todas as religiões de matriz cristã estabelecem uma relação crítica com a diversidade sexual (NATIVIDADE; OLIVEIRA, 2009).

Na maioria das vezes, o discurso religioso se apoia em textos bíblicos que, interpretados “ao pé da letra”, sugerem que a homossexualidade é antinatural e pecaminosa (MUSSKOPF, 2005). Assim, afirmam o “homossexualismo” como uma afronta à ordem natural do mundo, instaurada por Deus (NATIVIDADE, 2006).

Natividade & Oliveira (2009) trabalham melhor este aspecto, e afirmam que:

discursos religiosos sobre o “pecado do homossexualismo” constituem parte de um complexo de resistência a processos de mudança que evidenciam fissuras na norma da *heterossexualidade compulsória*. Os sujeitos que sustentam tais discursos constroem sua relativa legitimidade representando-se como porta-vozes de valores universais, bastiões da moralidade, conjugando percepções negativas da diversidade sexual a uma atuação em oposição ao seu reconhecimento, compreendido como uma ameaça. Dentre esses atores sociais, encontram-se lideranças religiosas, pastores, coordenadores de “ministérios de ajuda”, escritores evangélicos, teólogos, psicólogos e parlamentares. A cosmologia cristã fornece, para tais porta-vozes de perspectivas conservadoras,



um idioma e um repertório de justificativas que são acionados em defesa deste modelo particular de representação do gênero e da sexualidade (NATIVIDADE; OLIVEIRA, 2009, p.132) [grifo dos autores].

Esta ideia nos parece bastante interessante. Como os próprios autores observam, estes mecanismos de busca por legitimidade, além dos próprios elementos constitutivos do discurso, criam uma maneira muito peculiar de condenar a vivência da homossexualidade. Trata-se de um conjunto plural de operações de desqualificação da diversidade sexual, baseadas em valores religiosos. Considerando a *homofobia* em si como uma realidade bastante diversa, Natividade & Oliveira (2009) definem este conjunto como um “tipo específico” de expressão homofóbica, a que chamam *homofobia religiosa*.

Apesar da multiplicidade de “métodos” que este conceito engloba, não se pode negar que estas expressões de rejeição às práticas homossexuais operam uma lógica própria, de maneira que “não formam um sistema isolado e autônomo, mas articulam-se a representações difusas na sociedade brasileira e correspondem, em última instância, a fios no interior de uma densa trama de relações de poder” (NATIVIDADE; OLIVEIRA, 2009, p.132). Ainda segundo Natividade & Oliveira (2009):

O que confere unidade a essa rede heterogênea de discursos e práticas é justamente que estes extraem sua autoridade de princípios cosmológicos, argumentos teológicos/doutrinários e interpretações *conservadoras* do texto bíblico. (NATIVIDADE; OLIVEIRA, 2009, p. 133) [grifo dos autores]

No contexto do nosso trabalho é importante pensar que, se o grupo Diversidade Católica e a Igreja da Comunidade Metropolitana se propõem a defender a causa LGBT, elas precisam, se não combater, ao menos afirmar-se contrários a qualquer postura de caráter homofóbico. Por outro lado, ao passo que se colocam como grupos religiosos, eles devem basear a sua prática e filosofia em valores também religiosos. Como, então, os grupos conseguem construir um discurso contrário ao sistema religioso hegemônico (que é homofóbico), sem deixar de, ao mesmo tempo, se pautar por princípios religiosos?

Cabe destacar que nem sempre os valores de grupos cristãos “inclusivos”, como o Diversidade Católica e a ICM, destoam completamente de outras experiências religiosas cristãs. Como afirmam Natividade & Oliveira (2009) “essas iniciativas [inclusivas] podem apresentar um cultivo seletivo de valores do campo religioso hegemônico” (NATIVIDADE; OLIVEIRA, 2009, p.131).



Assim, procuraremos perceber, através da análise dos sites dos grupos que compõem o nosso objeto de pesquisa, a maneira como eles buscam fugir dos princípios religiosos hegemônicos geradores da *homofobia religiosa*, sem, no entanto, se desvincular completamente de uma experiência religiosa, que é o que se propõem a desenvolver.

4. De exorcistas a inclusivos: protestantismo e homossexualidade

O protestantismo brasileiro é marcado por uma significativa pluralidade, visível no número considerável de denominações espalhadas pelo país. Nas suas configurações atuais, podemos dividi-lo em três segmentos básicos, segundo Musskopf (2008): as igrejas protestantes históricas (ou “clássicas”), surgidas no Brasil após o aumento dos fluxos migratórios no século XIX; as pentecostais, chegadas ao país por volta de 1910 trazidas por missionários originários do recém-surgido pentecostalismo norte-americano; e as neopentecostais, surgidas partir da década de 1970, em alguns aspectos similares aos dois tipos anteriores, mas com características particulares.

Esta diversidade de modelos e doutrinas nas diferentes denominações não chega, porém, a atingir tão diretamente a produção de seus discursos acerca da homossexualidade, que são bastante parecidos:

O universo religioso evangélico é plural e possui distintas cosmologias e princípios doutrinários. Contudo, os agentes que atuam e difundem discursos sobre a diversidade sexual na esfera pública recorrentemente se articulam em redes interdenominacionais, expressando a formação de consensos relativos em torno dos significados da homossexualidade, a despeito de sua origem e pertencimento distintos. (NATIVIDADE; OLIVEIRA, 2009, p 137)

Partindo dessa perspectiva, traçaremos um perfil sobre o discurso protestante hegemônico acerca da homossexualidade, para, então, falar dos contra-discursos produzidos na experiência das chamadas “igrejas inclusivas”, em especial da Igreja da Comunidade Metropolitana.

4.1 O Protestantismo conservador e o “pecado do homossexualismo”

O movimento evangélico conservador⁵ é hoje um dos maiores responsáveis pela circulação de discursos de caráter homofóbico-religioso na sociedade brasileira,

⁵ Adotamos o termo *conservador* para diferenciar as denominações protestantes que trabalharemos neste capítulo das igrejas que pertencem ao segmento protestante *inclusivo*, que trabalharemos mas adiante.



através de várias frentes de atuação: posicionamentos políticos, recusa da concessão de direitos civis a cidadãos LGBT, reprodução de estereótipos, formas de exclusão explícita ou velada, e até mesmo silêncios (NATIVIDADE; OLIVEIRA, 2009).

Na esfera pública, o campo da política é marcado por posturas explicitamente discriminatórias, especialmente com a intensificação das lutas do movimento LGBT pela conquista de direitos civis (NATIVIDADE; OLIVEIRA, 2009). Num âmbito mais privado, da experiência dos templos, esse discurso já não parece tão combativo, na medida em que se agrega uma tendência ao *acolhimento* dos homossexuais. Esta última postura, porém, não significa a aceitação da homossexualidade, mas uma forma de discriminação sutil, que Natividade & Oliveira (2009) chamam de *homofobia cordial*:

Enquanto certas formas de discriminação *segregam* indivíduos marcados como diferentes e inferiores, a *homofobia cordial aproxima-os* daqueles que exercem posição de superioridade moral, em uma relação de assujeitamento. Esta relação assimétrica pode implicar engajamento emocional dos sujeitos envolvidos, favorecendo a perpetração de formas muito sutis de sujeição e violência. (...) Esta forma de homofobia é acionada recorrentemente no discurso de iniciativas interdenominacionais de cuidado pastoral e de grupos de ajuda mútua de inspiração religiosa voltados para *pessoas que estão homossexuais*. (NATIVIDADE; OLIVEIRA, 2009, p.129) [grifos dos autores]

Nestas iniciativas, tanto quanto nas igrejas onde a *homofobia cordial* se expressa, a acolhida está geralmente relacionada a tentativas de reestruturação da sexualidade dos indivíduos, com o objetivo de “recuperá-los” da homossexualidade (NATIVIDADE; OLIVEIRA, 2009).

Estas posturas adotadas por segmentos protestantes conservadores, tanto no âmbito público quanto no privado, revelam a construção de um ideário profundamente negativo acerca da homossexualidade. Como já afirmamos anteriormente, esta perspectiva está diretamente ligada à uma interpretação bíblica fundamentalista que acaba por sugerir que a homossexualidade é antinatural e pecaminosa. Porém, no caso do discurso protestante conservador, esta dinâmica assume características mais particulares. Segundo Natividade (2006), algumas afirmações peculiares acerca da homossexualidade são recorrentes no discurso protestante conservador, especialmente na produção editorial evangélica que circula no Brasil.

Primeiro, a ideia de que a homossexualidade é um comportamento que não é inato, mas aprendido, ou decorrente de situações externas ao indivíduo. “A homossexualidade é vista, fundamentalmente, como resultante da socialização em famílias *desestruturadas*, nas quais a ausência de firmes modelos de masculino e



feminino produziria uma espécie de identificação com o gênero *errado*” (NATIVIDADE, 2006, p. 119) [grifos do autor]. Além destes elementos, linhas mais psicologizantes também atribuem a homossexualidade a experiências traumáticas ocorridas geralmente durante a infância, como abusos sexuais ou dificuldade de relacionamento com os pais. Neste caso, por ser provocada por problemas psicológicos, a homossexualidade é classificada como doença – portanto, passível de tratamento e cura (NATIVIDADE, 2006).

Uma segunda ideia frequente afirma modelos “naturais” de uso do corpo, baseados na “complementaridade” dos sexos. Segundo esta perspectiva, haveria um sentido biológico e uma destinação “anatômica” dos órgãos genitais, sendo a prática homossexual *antinatural*, e, portanto, contra os desígnios de Deus expressos na Bíblia (NATIVIDADE, 2006).

Por fim, Natividade (2006) trata ainda de uma terceira ideia: a de que a homossexualidade seria um *problema espiritual*. Esta ideia se aproxima da perspectiva psicologizante de que a homossexualidade seria algo provocado por razões externas, mas agrega ao discurso significados cosmológicos vinculados à teologia da *batalha espiritual*⁶, ao afirmar que a atuação de demônios interferiria na sexualidade dos indivíduos (NATIVIDADE, 2006).

Estas perspectivas revelam a base discursiva de um conjunto de práticas frequentes na experiência protestante, cuja evidência mais clara está nos rituais de cura e “restauração espiritual”. Além disso, a homossexualidade permanece sempre vinculada à esfera do pecado, de forma que “homossexuais são vistos como 'promíscuos', 'pedófilos' e sujeitos que 'espalham doenças', portanto indivíduos perigosos à coletividade” (NATIVIDADE, 2006, p. 127).

4.2 Pecado é não amar: a ICM e as igrejas inclusivas

As igrejas inclusivas⁷ são um fenômeno surgido no Brasil a partir do final da década de 1990 (JESUS, 2010). São grupos que procuram acolher a experiência

⁶ Segundo Natividade (2006) e Natividade & Oliveira (2010), trata-se basicamente de uma visão de mundo em que a posse dos homens é disputada entre os demônios e Deus. Neste caso, seria necessário lutar contra os demônios, que se manifestariam em todo mal que se pratica ou sofre, além de estarem presentes nas experiências religiosas não-cristãs.

⁷ Não nos deteremos aqui no debate sobre a pertinência ou não da categoria *inclusivo* para definir as experiências destes grupos. Neste trabalho, usamos o termo para nos referir às igrejas “que em geral podem ser definidas por compatibilizar sexualidades não heterossexuais e religiosidades cristãs, majoritariamente evangélicas” (JESUS, 2010, p.132). Para entender um pouco mais sobre a discussão acerca desta pertinência, de forma sintética, consultar Natividade (2010) e Jesus (2010).



homossexual como “dádiva divina”, não como pecado, geralmente liderados por pastores que se afirmam como gays e lésbicas (NATIVIDADE; OLIVEIRA, 2009).

Como exemplos, poderíamos citar a *Igreja da Comunidade Metropolitana do Brasil*, a *Comunidade Cristã Nova Esperança*, a *Igreja Cristã Evangelho para Todos*, a *Comunidade Betel do Rio de Janeiro* e a *Igreja Cristã Contemporânea*, sediadas nas cidades do Rio de Janeiro e São Paulo. Há registros de igrejas, missões, grupos e células localizados em diversas outras unidades da federação, como Belo Horizonte, Rio Grande do Sul, Salvador, Vitória, Brasília, Fortaleza e Paraná. (NATIVIDADE; OLIVEIRA, 2009, p.131) [grifos dos autores]

Dentre estas igrejas atuantes no Brasil, a Igreja da Comunidade Metropolitana – ICM é uma das mais presentes e institucionalizadas, e conta com grande quantidade de fieis (JESUS, 2010). É uma denominação norte-americana, fundada em 1968 pelo reverendo Troy Perry, que havia sido expulso da igreja pentecostal em que trabalhava, por ser homossexual (JESUS, 2010; NATIVIDADE, 2010).

Atualmente, está presente em 23 países e é dirigida por uma mulher, Reverenda Nancy Wilson e a coordenação da América Latina pela bispa Darlene Garner. No Brasil, esta Igreja se fez presente nas cidades de Niterói, Rio de Janeiro e atualmente em São Paulo, Salvador, São Luís, Fortaleza, Teresina e Goiânia e Urumuama. (JESUS, 2010, p. 136)

Um dos principais canais de comunicação da Igreja é o seu site nacional, o *ICM Brasil*, além dos sites regionais, das ICM's espalhadas pelo país. Uma análise mais aprofundada sobre o canal será feita a seguir, avaliando especialmente o discurso contra-hegemônico produzido nele.

4.2.1 A ICM online

O site da ICM tem a função primordial de ser um centro nacional de informações sobre as práticas da Igreja. Constitui o canal oficial de *afirmação de “discurso institucional”*, divulgando também atividades e trabalhos.

Na *homepage* do site, um dos elementos que chamam mais atenção é um *slideshow* em que se apresentam várias fotos relativas a atividades da igreja. Entre as imagens, destacam-se as que apresentam *drag queens*, casais de gays e celebrações de casamentos entre casais de lésbicas. Trata-se de uma estratégia interessante de afirmação, que comunica vários significados, sem necessariamente utilizar-se de textos. É uma das poucas menções “explícitas” à experiências homossexuais dentro do site.



Outro *banner* na *homepage* leva a uma página sobre o filme “Orações para Bobby” (*Prayers for Bobby*, de 2009), baseado na história verídica de um homossexual jovem que cometeu suicídio aos 20 anos, oprimido pela mãe, que acreditava poder “curá-lo” de sua orientação. É a única menção a esse tipo de conteúdo midiático, dentro do site. Ao que parece, a igreja deseja, com os elementos lançados por este filme em especial, propor uma sensibilização contra o fundamentalismo homofóbico-religioso.

Outros elementos que compoem a página principal são as notícias sobre as atividades da igreja no Brasil e em outros países, além de menus com *links* para páginas internas do site, que contém informações de contato, materiais litúrgicos (entre eles um modelo de certificado de casamento – chamado de “bênção de união”) e galerias de fotos. Há também *links* para os sites das ICM’s localizadas pelo Brasil.

A página “Quem somos” inicia: “A Igreja da Comunidade Metropolitana é uma comunidade global que está *derrubando muros e construindo esperança!*” [grifos nossos]. Esta frase expressa grande parte da proposta da igreja, que se apresenta disposta a construir discursos contra-hegemônicos, “derrubar os muros”. Como explicita mais adiante, no texto da página, esta esperança vem ser oferecida a LGBT’s, numa “integração saudável da sexualidade e da espiritualidade”.

Interessante notar na página a presença dos termos “cura” e “libertação”, ideias tão difundidas pelo discurso protestante conservador. Na ICM, estes termos aparecem ressignificados, colocados no mesmo domínio discursivo de elementos como coragem, inclusão, paz e liberdade:

Somos uma comunidade de pessoas que compartilham do desejo de viver a mensagem de Jesus de forma a incluir, e não excluir; curar, e não ferir; pacificar, e não guerrear; encorajar, e não desanimar; libertar, e não aprisionar; incentivar a liberdade e criatividade de pensamento, e *não exigir fé cega em credos religiosos*. [grifo nosso]

A página traz também a afirmação da sua fé em Jesus Cristo e na Bíblia, além de um breve histórico da ICM, desde a sua criação nos Estados Unidos, até a sua expansão pelo mundo, com a criação da FUICM (Fraternidade Universal das Igrejas da Comunidade Metropolitana).

É na página “Nossa Visão e Missão” que a ICM afirma o argumento fundamental na sua perspectiva inclusiva: “Acreditamos que a *nossa sexualidade é um dom sagrado de Deus*” [grifo nosso]. Esta ideia afasta definitivamente a homossexualidade da ideia de pecado reforçada pelo discurso conservador. Por fim, em



sua “Declaração de Fé”, há a substituição deste significado: a categoria *pecado* é colocada como sinônimo de *desamor*, pelo qual se deve buscar perdão, através da oração.

5. Revirando a tradição: homossexualidade e catolicismo

Certamente por se tratar de uma instituição de proporções mundiais, a Igreja Católica se diferencia das denominações protestantes por ter um discurso oficial sobre a homossexualidade mais sistematizado, presente em três documentos do Vaticano, a *Declaração Persona Humana sobre alguns pontos de Ética Sexual*, de 1975, a *Carta aos Bispos da Igreja Católica Sobre o Atendimento Pastoral das Pessoas Homossexuais*, de 1986 e o texto *Considerações sobre os projectos de reconhecimento legal das uniões entre pessoas homossexuais*, escrito em 2003 pelo então prefeito da Cidade do Vaticano, Joseph Ratzinger, atual papa Bento XVI.

A argumentação dos três documentos parte de princípios muito parecidos. Mesmo o de 2003 afirma não trazer doutrinas novas sobre a questão, apenas pretende reforçar determinados valores e orientar a atuação dos bispos católicos frente a uma situação mais contemporânea, o movimento pela legalização da união civil entre homossexuais em vários países do mundo, com aprovação já ocorrida em alguns.

Na maior parte dos textos, há uma distinção entre “inclinação homossexual” e “atos homossexuais”. Segundo as orientações, nenhuma das duas é passível de qualquer tipo de aprovação, mas a “inclinação” homossexual é tida apenas como uma anomalia “intrinsecamente desordenada”, não um pecado: os que sofrem desta anomalia não devem ser pessoalmente responsabilizados. Por outro lado, também se orienta que “aqueles que se encontram em tal condição deveriam, portanto, ser objeto de uma particular solicitude pastoral, para não serem levados a crer que a realização concreta de tal tendência nas relações homossexuais seja uma opção moralmente aceitável”, na carta aos bispos, de 1986. De forma mais explícita, o documento de 2003 afirma que os atos homossexuais são pecados graves, que atentam contra a castidade.

Interessante destacar que, como afirma Natividade (2006), em relação ao protestantismo o discurso católico atribui significado diferente às “origens” da homossexualidade, o que se pode perceber na ideia da possível existência de uma *tendência* homossexual. Enquanto protestantes consideram que a homossexualidade é sempre externa, causada por fatores sociais e/ou espirituais, “os católicos consideram a



possibilidade de a homossexualidade constituir uma expressão da *natureza* de alguns indivíduos” (NATIVIDADE, 2006, p. 120) [grifo do autor]. Ainda assim, essas diferenças de abordagem se minimizam quando se observa que a Igreja Católica também adota uma postura de controle da sexualidade: já que o ato homossexual é pecaminoso, os documentos indicam a contenção das “tendências” homossexuais através do celibato.

Estas perspectivas doutrinárias da Igreja com relação à homossexualidade têm sido colocadas em discussão por grupos católicos contemporâneos que se propõem a construir novas leituras da diversidade sexual. Dentre estas iniciativas, destacam-se os grupos *Católicas pelo Direito de Decidir* e *Diversidade Católica* (JESUS, 2010). Trataremos deste último a seguir.

5.1 Homossexuais, Católicos – e praticantes

O grupo *Diversidade Católica* é um grupo de leigos católicos fundado em julho de 2006, no Rio de Janeiro. Além da movimentação produzida no site – sua principal frente de atuação –, o grupo ainda tem reuniões eventuais para homossexuais e pais de homossexuais. Também mantem um blog, onde a produção de conteúdo é mais intensa, e um perfil no Twitter, onde acompanham várias discussões ligadas à questão LGBT como um todo, envolvendo ou não questões vinculadas à religião.

A seguir, numa análise mais dedicada do site do grupo, tentaremos perceber como ele se situa dentro do discurso católico, levantando os elementos que ele utiliza para compatibilizar homossexualidade e experiência católica. Nossa abordagem buscará não só notar as suas estratégias para construção de um discurso contra-hegemônico, mas também compará-las às usadas no site da ICM – considerando, devidamente, as suas pertencas a matrizes religiosas diferenciadas.

5.1.1 Homossexuais, Católicos – e virtuais: o site *Diversidade Católica*

Em primeiro lugar, é importante destacar que um elemento diferencia consideravelmente o *Diversidade Católica* da ICM, como de várias outras igrejas inclusivas: no caso destas experiências no protestantismo, há um maior nível de “autonomia” para a construção do próprio discurso.

Deixemos isso mais claro: Apesar de se afirmar católico, o grupo é, em alguma medida, contrário a posicionamentos oficiais da Igreja Católica Romana. Convive-se, neste caso, com uma “ambiguidade” bastante significativa: ao mesmo tempo em que



tem necessidade de construir um contra-discurso, o grupo não pode deixar de vincular-se a determinados princípios da doutrina católica, sob o risco de perder a legitimidade frente a fieis católicos gays que eventualmente desejem aderir ao movimento.

Entender esta questão nos parece fundamental para perceber os diferentes usos pelo Diversidade Católica e pela ICM dos seus respectivos canais de comunicação. Na maioria das páginas internas do site católico, há textos e documentos da Igreja, geralmente acompanhados da tentativa de questionar ou simplesmente reler o que é proposto por eles, a partir da perspectiva inclusiva.

Na página “Bibliografia”, por exemplo, são apresentados os Documentos do Concílio Vaticano II, e duas encíclicas do papa Bento XVI. Na apresentação de uma das encíclicas, que trata da esperança cristã, há o seguinte comentário: “Nós, do Diversidade Católica, desejamos que esta esperança faça parte da vida dos gays. Que o cristianismo aprenda a ser incluyente e acolhedor, e que a Igreja percorra este caminho imprescindível”.

Em outras páginas, esta tentativa de aliar discursos também aparece. Uma delas, em especial, traz já no título a evidência desta iniciativa: chama-se “Sob a perspectiva da Igreja”. Ela contém uma série de trechos de livros, documentos, manuais litúrgicos da Igreja, da Bíblia e de declarações de teólogos ou autoridades religiosas. Nem sempre esses trechos citam diretamente a homossexualidade, mas, no contexto discursivo do site, certamente são utilizados para lançar novos olhares sobre ela.

A página “Perguntas Frequentes” contém uma série de perguntas polêmicas geralmente difundidas no senso comum a respeito da relação entre diversidade sexual e catolicismo. A primeira delas é a que parece mais óbvia: “Se a Igreja condena a homossexualidade, como é possível uma pessoa gay ser católica?”. Nas diversas respostas, o grupo apresenta de maneira bastante direta, até mesmo ousada, o seu ponto de vista. Seja apresentando o que considera “equivocos” da tradição católica, seja tentando propor releituras de seus documentos, o Diversidade Católica nos parece fazer deste o espaço mais privilegiado de apresentação do seu discurso.

Como se pode perceber, o site é majoritariamente construído por espaços de formação em que, fazendo o máximo de esforço para não se desvincular da matriz católica, tenta desfazer o antagonismo entre a homossexualidade e a prática da religião.

Enfim, o site ainda apresenta outros espaços, a começar pela própria *homepage*, que traz a sua perspectiva inclusiva em frases muito dispersas, na maioria das vezes links para outros espaços. As únicas informações relevantes são um texto de



um patriarca ortodoxo, sobre a importância do Espírito Santo para o exercício da fé, e um *slideshow* com três imagens: um casal de gays, um casal de lésbicas, um conjunto de mãos em união.

A página “Quem Somos” apresenta a origem e a proposta do grupo, destacando o caráter universal e inclusivo que deve ter o cristianismo. “O próprio termo ‘católico’ quer dizer universal”, diz a página. A seção “Nosso ponto de vista” oferece subsídios para a construção do que o site chama de “identidade gay católica”. Os textos relacionam a fé cristã à diversidade, e inserem no debate questões políticas ligadas aos direitos de LGBTs. O espaço “Opinião” publica textos de debate enviados por leitores, mas tem um conteúdo pequeno, de apenas três textos. Outro espaço de veiculação de material produzido por leitores, este mais movimentado, é a página “Vivências”, que traz depoimentos de leitores, experiências “que testemunhem à inclusão de todos no Povo de Deus”.

Por fim, outro espaço que ainda traz à tona o vínculo do grupo com a experiência católica é a página “Alimente o Espírito”, que indica sites de liturgia, leitura da Bíblia e “oração *online*”. Nesta mesma página, é interessante uma imagem de Nossa Senhora, com os dizeres “Rogai pelo fim da Homofobia”.

6. Considerações finais – um “amém”?

Seja no campo do Catolicismo ou de qualquer das denominações protestantes, parece ser grande o sofrimento de homossexuais que, apesar de desejarem viver uma experiência de fé, sentem-se a todo momento cercados por uma ideologia que oprime os seus corpos e as suas afetividades num sistema que os julga “errados”.

A crise de sentir-se pecador, ser condenado pelo Deus que se busca, parece, no mínimo, dolorida e cruel. Iniciativas “inclusivas”, neste sentido, podem ser espaço de acolhimento e de esperança para as pessoas.

Porém, mais que isso, nos interessa perceber que os sistemas de legitimação da própria sexualidade, no âmbito da própria fé, podem ser geradores de reflexões muito maiores entre estes indivíduos, convidando-os a refletir sobre o seu verdadeiro lugar num mundo que os oprime.

Nessa análise, pudemos perceber que a principal diferença entre os dois sites está centrada exatamente nestes sistemas de legitimação: enquanto a ICM precisa



legitimar uma fé, o Diversidade Católica precisa *se legitimar dentro de uma fé*, já existente.

Assim, a ICM procura, de forma mais evidente, apresentar as próprias atividades, eventos, documentos e práticas, “mostrar que existe”. Por sua vez, o Diversidade Católica precisa ressignificar o existente, disputar um espaço e combater um discurso oficial tremendamente poderoso.

Enfim, o debate acerca da relação entre homossexuais e as religiões cristãs, considerando a pluralidade que as caracteriza, tem horizontes muito maiores do que os que já foram alcançados pela produção científica, inclusive com as contribuições deste trabalho. De todo modo, buscamos propor novos olhares, e quem sabe possibilitar novos diálogos que provoquem crescimento entre os envolvidos nessa dinâmica tão urgente e ainda tão nebulosa.

Referências Bibliográficas

ALONGE, Wagner. Homossociabilidade midiática: do silenciamento aos relatos íntimos da auto-afirmação identitária em blogs gays. **Bagoas: revista de estudos gays**, Natal, V.1, n.1, pp. 119-128, jul./dez. 2007.

FERNANDES, Guilherme Moreira. Folkcomunicação e Mídia Digital - a luta simbólica pela cidadania nos espaços de homocultura virtual. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO DA REGIÃO SUDESTE, 12, 2007, Juiz de Fora. **Congresso de Ciências da Comunicação da Região Sudeste**. Juiz de Fora: Intercom, 2007. Disponível em: <<http://www.aligattor.com.br/cdromparacongresso/resumos/R0354-1.pdf>> Acesso em: 23 fev 2011.

JESUS, Fátima Weiss de. A Cruz e o Arco-íris: Refletindo sobre gênero e sexualidade a partir de uma “igreja inclusiva” no Brasil. **Ciências Sociais e Religião**. Porto Alegre, ano 12, n. 12, p. 131-146, outubro de 2010.

MARTINS, Jessé; MALINI, Fábio. Blogs Gays – Expressão e Subjetividade. In: SIMPÓSIO NACIONAL ABCIBER, 3, 2009, Vila Mariana. **III Simpósio Nacional ABCiber**. Vila Mariana: ESPM/SP, 2009. Disponível em: <http://www.abciber.com.br/simposio2009/trabalhos/anais/pdf/artigos/2_entretenimento/eixo2_art26.pdf> Acesso em: 25 fev 2011.

MUSSKOPF, André Sidnei. À meia luz: a emergência de uma teologia gay: Seus dilemas e possibilidades. **Cadernos IHU Ideias**. São Leopoldo, ano 3, n. 32, p 01-34, 2005.

_____. **Talar Rosa: Homossexuais e o Ministério na Igreja**. São Leopoldo: Oikos, 2005.



_____. **Via(da)gens teológicas: itinerários para uma teologia queer no Brasil.** São Leopoldo: EST/PPG, 2008.

NATIVIDADE, Marcelo. Homossexualidade, Gênero e Cura em Perspectivas Pastorais Evangélicas. **Revista Brasileira de Ciências Sociais.** vol. 21, no 61, junho/2006.

_____. Uma homossexualidade santificada? Etnografia de uma comunidade inclusiva pentecostal. **Religião e Sociedade.** Rio de Janeiro, 30(2): 90-121, 2010.

NATIVIDADE, Marcelo; OLIVEIRA, Leandro de. Sexualidades ameaçadoras: religião e homofobia(s) em discursos evangélicos conservadores. **Sexualidad, Salud y Sociedad - Revista Latinoamericana.** n. 2, pp.121-161, 2009.

SILVEIRA, Sérgio Amadeu da. Convergência digital, diversidade cultural e esfera pública. In: PRETTO, Nelson De Luca; SILVEIRA, Sérgio Amadeu da (orgs.). **Além das redes de colaboração: internet, diversidade cultural e tecnologias do poder.** Salvador: EDUFBA, 2008.

SIMÕES NETO, José Pedro et al. As Representações da Diversidade Sexual no Campo Religioso. **Serviço Social & Realidade.** Franca, v. 18, n. 1, p. 241-276, 2009.

VATICANO. Congregação para a Doutrina da Fé. **Carta Aos Bispos Da Igreja Católica Sobre O Atendimento Pastoral Das Pessoas Homossexuais.** Disponível em <http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_19861001_homosexual-persons_po.html> Acesso em: 27 mar 2011.

_____. **Considerações sobre os projectos de reconhecimento legal das uniões entre pessoas homossexuais.** Disponível em <http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_20030731_homosexual-unions_po.html> Acesso em: 22 mar 2011.

_____. **Declaração Persona Humana Sobre Alguns Pontos De Ética Sexual.** Disponível em <http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_19751229_persona-humana_po.html> Acesso em: 27 mar 2011.